

Conheça a cidade de Lorena...

O QUADRILÁTERO SAGRADO



*Por Francisco Sodero Toledo **

A cidade de Lorena faz parte do Roteiro Turístico Religioso composto pelas cidades vizinhas de Aparecida, Guaratinguetá e Cachoeira Paulista. Por ele tem passado mais de 3 milhões de turistas-peregrinos a cada ano.

Estes municípios pertenciam à então Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá, criada em 1651. Naquela época era apenas um pequeno núcleo populacional abrigado no alto de uma colina, um lugar propício à vivência mística, que com o passar do tempo foi se transformando em território da fé e da devoção mariana. Um lugar sagrado pela contemplação e pela devoção.

O cenário natural do local é deslumbrante: o Rio Paraíba, em curvas de puro capricho, cortando o vale; ao longe a serra da Mantiqueira, um enorme paredão, criando obstáculos para a saída dos homens para outros territórios, fazendo com que o seu olhar se volte para o alto, para os céus, morada dos santos e do Criador. Uma paisagem tipicamente valeparaibana, marcada pelos acidentes naturais do Rio Paraíba e das serras do Mar e

Mantiqueira, completada por outros elementos colocados pelo homem no processo de ocupação e colonização da região: os caminhos e as capelas.

A poucas léguas de Guaratinguetá, na busca de metais preciosos, os bandeirantes, procurando por um lugar para passar pelo Rio Paraíba do Sul, em terras de Guaypacaré, deram origem ao porto do mesmo nome. Em torno do porto e da capela erguida em homenagem à Nossa Senhora da Piedade surgiu a atual cidade de Lorena, sob forte influência do culto mariano, estimulado pela Igreja Católica nos primeiros tempos de colonização. Esta posição de destaque somente foi suplantada pela mudança no rumo das peregrinações em direção à capela levantada em louvor de N. S. Aparecida, em 1745, no alto do morro dos coqueiros, cuja imagem havia sido encontrada nas águas do Rio Paraíba, no ano de 1717. A continuidade e o aprofundamento da devoção tornou N. S. Aparecida rainha e Padroeira do Brasil.

Por esta mesma época, em 1739, nascia o menino Antônio Galvão de França, filho de família devota de Santa Ana. Por essa razão, em 15 de abril de 1760 acrescentou ao nome

que herdara do pai, o de Sant'ana. Assim que se tornou religioso, consagrou-se como “servo e escravo” de N. Senhora. Por sua santidade a 11 de maio de 2007 foi canonizado pelo Papa Bento XVI. É de Guaratinguetá, desta região, o primeiro santo brasileiro. Santo Antônio de Sant'Ana Galvão, OFM, mais conhecido como Frei Galvão.

Estes fatos ocorridos durante o século XVIII estão ligados à influência destes locais propícios ao desenvolvimento da religiosidade, à prática da religiosidade popular católica, do culto mariano e do misticismo sertanejo. São marcas da história regional que transformaram esta parte do território valeparaibano em lugares da fé, centros de peregrinação e de devoção popular, berço de marcantes tradições que assinalam aspectos decisivos da História e da identidade cultural de seus moradores.

A capela de Nossa Senhora da Piedade foi erigida em 1705, próxima da Estrada Real: Caminho do Ouro e do porto de Guaypacaré. Como ponto de travessia do rio Paraíba do Sul o local era movimentado e logo se tornou o primeiro centro de peregrinação religiosa da região vale-paraibana.

Seus moradores, e os viajantes que por ali aportavam, desenvolveram a fé mariana. A manifestação dessa devoção resultou no início das celebrações da “Festa da Padroeira”.

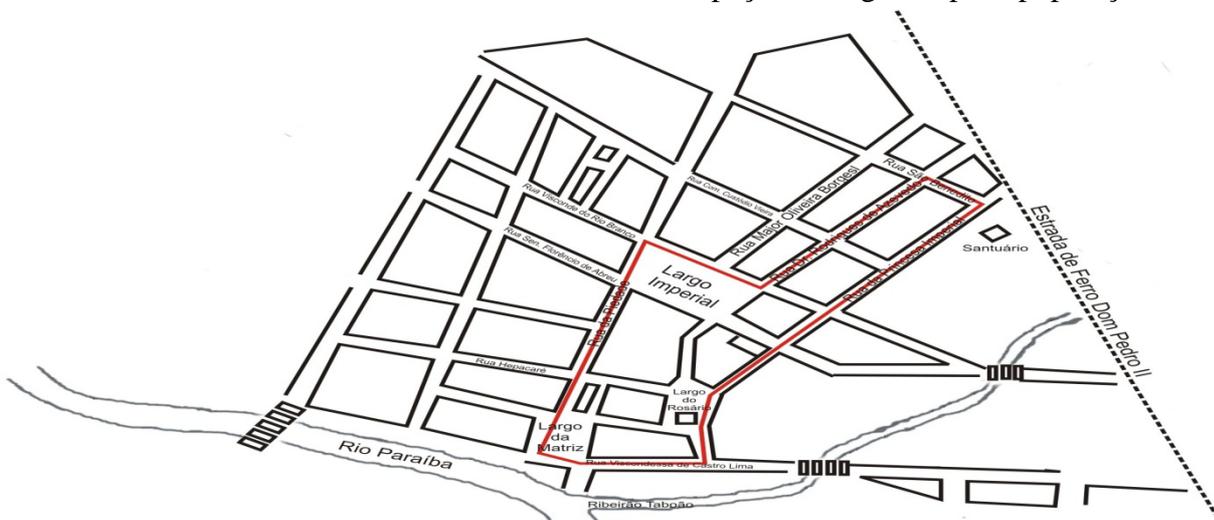
O Caminho era a rota, o porto o ponto de

passagem e a capela o ponto de chegada e acolhida. Um templo que constituía, por assim dizer, numa abertura para o alto, para a comunicação com o outro mundo, o mundo dos deuses. Nele se destaca o altar como elemento central das orações e rituais. Um altar visível num lugar que se reveste do sagrado. Daí a importância que sempre foi dada à capela de N. S. da Piedade e as transformações que sofreu ao longo do tempo e os cuidados tomados na construção e reconstrução do espaço sagrado, no mundo que para o homem religioso também é sagrado.

As experiências religiosas foram se multiplicando em tempo sagrado. Tempo de oração, de penitência, de devoção que se expressam não só na Festa da Padroeira como em outros momentos santificados como na procissão do “Senhor Morto” na sexta-feira da paixão, na procissão de Corpus Christie, na festa do Divino Espírito Santo e outras celebrações religiosas programadas pela Igreja local. Ao espaço percorrido pelas procissões é atribuída pelos devotos e participantes a significação plena de um espaço sagrado em oposição a todo o resto.

O altar, parte indissociável da História dos moradores de Lorena é transportado para fora do templo e forma o altar invisível: o “quadrilátero sagrado”.

O “quadrilátero sagrado” portanto se refere ao espaço consagrado pela população de Lorena



Lorena - Final do Século XIX
Baseado no Original de José Geraldo Evangelista - 1978
Adaptado por Diego Amaro de Almeida
Supervisionado por Francisco Sodero Toledo

ao longo de mais de três séculos. Tem como origem a realização da “Festa da Padroeira”, um repositório de expressões de fé, devoção, costumes e tradições, atualizadas num conjunto de práticas concretas e visíveis que permitem o acesso ao sagrado. Tendo como ponto alto de manifestação religiosa a novena, as missas e a procissão, que ao passar pelas ruas e praças do centro da cidade, foi desenhando no inconsciente coletivo o “quadrilátero sagrado”. Fato tão significativo que tornou usual, por parte dos moradores dos bairros, mesmos àqueles que residem nas ruas mais próximas da Catedral dizer ao sair de suas casas: “vou à cidade!” A cidade corresponde exatamente ao espaço contido entre as ruas por onde passa a procissão de 15 de agosto.

Na atualidade ele corresponde ao itinerário percorrido pela procissão de 15 de agosto: a organização do corpo da procissão se deu na rua lateral da Matriz e segue sentido contrário à frente da Catedral, que está de costas para a cidade. Dessa maneira, a procissão faz o seu percurso pelas ruas centrais, desenhando uma grande volta pelas costas da Catedral até alcançar novamente sua entrada principal. Segue pela rua da Piedade, contorna a praça Dr. Arnolfo Azevedo, sobe a rua do comércio, Dr. Rodrigues de Azevedo, hoje alterada em função das obras do calçadão, dobra à direita na rua São Benedito, desce a rua D. Bosco, a rua Carlos Autran e contorna novamente à direita, já entrando pelo centro da praça Nossa Senhora da Piedade, em direção ao interior da Catedral, sempre acompanhada de cânticos, louvores e foguetórios.

O “quadrilátero sagrado” é o elemento racional do sagrado, o objeto que a investigação e os estudos realizados tornaram possível apreender, interpretar e explicitar por meio deste conceito. A sua relação intrínseca com o irracional, dada a sua origem que escapa à compreensão e explicação conceitual, faz parte de uma obscura profundidade como bem explica o teólogo Rudolf Otto.

Referências

Sodero Toledo, F. Estrada Real: Caminho do Ouro. Aparecida: Ed. Santuário, 2006.

Estrada Real: Caminho Novo da Piedade. Campinas,S.P.: Ed.Alínea 2009.

http://www.valedoparaiba.com/terragente/estudos/NS_Piedade.doc

* o autor é docente da EEL-USP e historiador.